

Apresentação¹

Presentation

José Américo Miranda*

Este é um livro para se ler com cuidado. Primeiro, é preciso vencer preconceitos, “driblar” ideias antigas e encorpadas. Depois, é preciso pôr o mundo entre parênteses, para mergulhar na leitura. O livro é exigente: esnoba na técnica composicional, dá uma de “largado”, “desleixado”, mas isso é romantismo – na verdade, é tecnicamente ousado, lança pra frente a bola da poesia brasileira. Pode ser que a bola chegue antes do atacante, e a oportunidade do gol se perca. Mas ainda há tempo: “poetas do meu Brasil”, prontifiquem-se, apresentem-se para fazer o gol! para meter a gorducha no filó (singela homenagem vocabular, essa minha, a Fernando Sasso)!

O emprego de metáforas futebolísticas nesse parágrafo que aí ficou não é um despropósito. O primeiro grande poema do livro, “O jogo”, consta de 51 sonetos, e constitui (relativa novidade) a narrativa de uma partida de futebol. Voltarei a

¹ MIRANDA, José Américo. Apresentação. In: SALGUEIRO, Wilberth. *O jogo, Micha & outros sonetos*. São Paulo: Patuá, 2019. p. 9-10.

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ele. E ao final do livro, seguido apenas de uma espécie de apêndice ou posfácio, "Oito sonetos antigos", os "Personcontos", já publicados anteriormente, voltam a experimentar as possibilidades narrativas da forma soneto – agora, no plano microscópico, cada soneto uma estória.

Entre os dois focos narrativos, um no início, outro no fim do livro, as seções "Insonemínimeus", "Lugares", "Amor", "Contingências", "Lembranças" e "Micha – uma história triste de se rir" (aqui com retorno à narrativa!) interpõem-se como remansos líricos, mais próximos da tradição, mas com a mesma roupagem e o mesmo espírito experimental dos narrativos.

Num texto autobiográfico ("Eu mesmo"), o poeta da Revolução russa Maiakóvski, depois de ler panfletos trazidos de Moscou por sua irmã, conclui: "Era a revolução. E era em verso. Versos e revolução como que se uniram na mente". Sem dizer nada parecido com isso, o poeta Wilberth Salgueiro nos dá a ver – ao vivo! – o modo como o futebol se une à vida de Jão, João, João Guilherme, o narrador de "O jogo".

Incrivelmente, os decassílabos obtidos a custo – com amputações de sílabas ao final das palavras, sílabas que servem e são contadas no verso seguinte, em jogadas rápidas, com rimas principalmente toantes, "predominantemente imprevisíveis" – são alinhados pelo meio, como a simular a ginga dos jogadores, sem linha reta em nenhuma das margens (só as do campo imaginário, em que ocorre o jogo).

Num país como o nosso, o poema "O jogo" exprime o espírito do povo, que sofre na carne as dores (e os prazeres) do futebol. Futebol e existência se unem de modo irremediável e indestrutível na narrativa de uma partida de futebol.



Apresentação

Este é um livro para se ler com cuidado. Primeiro, é preciso vencer preconceitos, “driblar” ideias antigas e encorpadas. Depois, é preciso pôr o mundo entre parênteses, para mergulhar na leitura. O livro é exigente: esnoba na técnica composicional, dá uma de “largado”, “desleixado”, mas isso é romantismo – na verdade, é tecnicamente ousado, lança pra frente a bola da poesia brasileira. Pode ser que a bola chegue antes do atacante, e a oportunidade do gol se perca. Mas ainda há tempo: “poetas do meu Brasil”, prontifiquem-se, apresentem-se para fazer o gol! para meter a gorducha no filô (singela homenagem vocabular, essa minha, a Fernando Sasso)!

O emprego de metáforas futebolísticas nesse parágrafo que aí ficou não é um despropósito. O primeiro grande poema do livro, “O jogo”, consta de 51 sonetos, e constitui (relativa novidade) a narrativa de uma partida de futebol. Voltarei a ele. E ao final do livro, seguido apenas de uma espécie de apêndice ou posfácio, “Oito sonetos antigos”, os “Personecontos”, já publicados anteriormente, voltam a experimentar as possibilidades narrativas da forma soneto – agora, no plano microscópico, cada soneto uma estória.

Entre os dois focos narrativos, um no início, outro no fim do livro, as seções “Insonemínimeus”, “Lugares”, “Amor”, “Contingências”, “Lembranças” e “Micha – uma história triste de se rir” (aqui com retorno à narrativa!) interpõem-se como remansos líricos, mais próximos da tradição, mas com a mesma roupagem e o mesmo espírito experimental dos narrativos.

Num texto autobiográfico (“Eu mesmo”), o poeta da Revolução russa Maiaakóvski, depois de ler panfletos trazidos de Moscou por sua irmã, conclui: “Era a revolução. E era em verso. Versos e revolução como que se

Capa de *O jogo, Micha & outros sonetos*, de Wilberth Salgueiro e a página inicial da “Apresentação”, de José Américo Miranda.